







LENHA

AWA (MIX OROMO E SOMALI)



Manuel João Ramos

HISTÓRIAS ETÍOPES



↑
O CARNEIRO [QUE A
CERTA ALTURA DISCORDOU
DO PREÇO - 120 BIRS - E
FUZIU EM CORRIDA RÁ-
PIDA]



COORDENADOR DA COLECÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA:
TINTA-DÁ-CHINA
MMX

© 2010, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

© James Morris, 1960
© Jan Morris, 1974, 1983, 1993

Título original: *Histórias Etíopes, diário de viagem*
Autora: Manuel João Ramos
Tradução: Raquel Mouta
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Vera Tavares

1.ª edição: Abril de 2010

ISBN 978-989-671-000-2
Depósito Legal n.º 294142/09

ÍNDICE

Prefácio a esta edição	3
INTRODUÇÃO	5
DIÁRIO DE VIAGEM	12
Lisboa, 9 de Junho	13
Éter, 3 de Março	14
Adis Abeba, 6 de Março	14
Adis Abeba, 11 de Março	16
Adis Abeba, 14 de Março	17
Harar, 17 de Março	20
Falésias do Nilo Azul, 19 de Março	21
Gondar, 23 de Março	23
Lalibela, 26 de Março	25
Estrada de Axum, 30 de Março	26
Gondar, 4 de Abril	27
Gondar, 11 de Abril	30
Delghi, 13 de Abril	32
Gorgora, 15 de Abril	34
Lago T'ana, 18 de Abril	35
Gondar, 27 de Abril	38
Bahar Daar, 2 de Maio	39
Mertule Maryam, 9 de Maio	40
Adis Abeba, 16 de Maio	41
Mehal Meda, 23 de Maio	45
Debra Work, 28 de Maio	45
Adis Abeba, 4 de Junho	47
Portela, 5 de Junho	47

HISTÓRIAS	48
Galawdewos e os portugueses; a morte de Ahmed Granhe	50
O castigo de Lebna Denguel	54
A profecia da morte de Ahmed Granhe	56
A morte de Ahmed Granhe	58
A fundação de Guzara	61
Susenyos e as guerras religiosas	63
A fundação de Danq'aze	65
A mudez do rei Susenyos	69
A apostasia de Susenyos	71
Susenyos e a filha de César	75
As construções dos portugueses	78
Susenyos e Melkam Kristós	79
A origem de Gondar	84
Fasiladas e o homem santo	87
A profecia da fundação de Gondar	88
A construção do palácio de Fasiladas em Gondar	90
A origem das igrejas e das pontes de Gondar	92
O poder do xeque Abdel Bashik	93
A princesa estrangeira e o massacre dos ortodoxos	95
Fasiladas protege o católico Berdemuz	97
A fuga de Medóz para Gondar	98
Afonso parte para Galila	99
Os três venenos de Alfonso	99
Fasiladas também é hirsuto	100
Fasiladas e as irmãs romanas	102
NOTA FINAL	107

Não tenho por hábito folhear os meus cadernos de viagem para refrescar a memória de espaços, pessoas e objectos neles captados. Costumam ter o mesmo destino dos VCR e DVD, dos *dossiers* com cartas, das facturas, fotografias e cartões bancários fora de prazo: as prateleiras menos acessíveis das estantes da minha sala de trabalho. Visito-os por motivos sobretudo formais, se procuro uma informação, um contacto, uma anotação. A questão põe-se, então, legitimamente: se não atribuo grande importância ao resultado material do acto de desenhar em viagem, porquê publicá-lo (mesmo que apenas parcialmente)?

Dez anos. Foi há dez anos que a edição original das *Histórias Etiópicas* foi publicada, na altura pela Assírio & Alvim Editores. O livro fez o seu curso: foi comprado, terá sido lido, para minha surpresa esgotou, foi esquecido. Tive sempre consciência de que era um livro frágil, desequilibrado e algo cabotino. De regresso de uma estada catártica na Etiópia, aceitei sem muito reflectir o desafio do João Paulo Cotrim, então director da Bedeteca de Lisboa, e do saudoso Hermínio Monteiro. Deixei que o livro se publicasse ainda em estado embrionário: entreguei à Assírio & Alvim, com uma despreocupação que

roçou a irresponsabilidade, as notas de viagem e os cadernos em bruto, assim como as histórias recolhidas e traduzidas por Abdissa Gamada. Queria um livro automático, testemunho a quente da minha primeira experiência na Etiópia. Sei porque o fiz: publicá-lo era para mim uma prova de vida, num momento em que a minha vida me estava a dar provas demasiado traumáticas de morte.

É um livro cândido, digamos. Hoje, passados dez anos e pelo menos mais quinze viagens à Etiópia, com uma prateleira cheia de cassetes de gravações vídeo e áudio de entrevistas a mais de cinquenta padres, eruditos e camponeses etíopes, com centenas de páginas de transcrições e traduções de histórias e lendas cada vez mais incompreensíveis, não teria a audácia de escrever assim. Quanto mais pergunto, quanto mais acumulo informações e memórias ao percorrer o mundo rural e urbano do Norte da Etiópia, quantas mais igrejas, conventos, *tukuls* (as casas circulares de terra e colmo dos camponeses amhara) e *buna bets* («casas [para beber] café») me servem de pretexto para estar por ali, mais incapaz me sinto para descrever seja o que for a quem comigo não partilha algo dos sabores, dos saberes e das visões daquele mundo.

É irónico. A afirmação pública de um conhecimento alimenta-se da inconsciência da ignorância privada. Em dez anos, voltei a percorrer muitos dos caminhos trilhados na minha viagem iniciática de 1999. De pergunta em pergunta, fui captando nós e pontos fugazes de um imenso entrelaçado de histórias e memórias locais cuja riqueza e densidade surpreendem os meus amigos etíopes das grandes urbes, para quem já não há regresso possível às aldeias dos seus pais ou avós. Hoje, tenho uma vida dupla, uma psicose nascida de um trauma profundo, sem dúvida. Vivo aqui, em Lisboa, quotidiana e

profundamente incomodado com o que me rodeia, e vivo na Etiópia, conformado com a perda constante do fio condutor das histórias que ouço.

Alguns dos contadores das histórias que aqui transcrevo já desapareceram, e com eles todas as memórias que alguém se esqueceu de fixar. Tanto melhor, talvez, porque o mundo está cheio de cacofonia e já ninguém sabe o que fazer com toda a «informação» que obsessivamente guardamos em discos rígidos de fabrico chinês e sobreaquecidos servidores americanos. Sem saber como seleccionar o que lembrar, individual e colectivamente, já estamos mortos e não o queremos admitir. Talvez nos próximos dez anos eu venha a fazer alguma coisa dos tempos passados a recolher e a transcrever e a traduzir todas as outras histórias que aqui não (re)publico. Até lá, renovo com esta reedição — revista, repensada e, espero, menos frágil — o desafio de deixar entrever a novos leitores as minhas entrevistas etíopes.

INTRODUÇÃO

I.

Perdi, há alguns anos, um caderno com apontamentos desenhados de várias viagens. Deixei-o, creio, nas ameias do castelo de Tavira, numa tarde de Verão. Procurei-o pela cidade algarvia, deixei notas várias em cafés e esplanadas de restaurantes, fui à esquadra de polícia e ao posto de turismo — mas o caderno não reapareceu. Em consequência, fiquei, por bastante tempo, sem vontade de desenhar em viagem.

Até aquele dia, eu nunca tinha prestado particular atenção ao destino dos meus cadernos de desenhos. Sempre desenhei como meio simples de fixar a memória e as visões de locais e pessoas. Por isso, não é o resultado final do esforço de representação, mas o próprio acto que me importa, em viagem. Ao desenhar, obrigo-me a olhar com mais atenção, a perscrutar formas, cores e acontecimentos, e é assim que os fixo na minha memória. Faço-o também porque não gosto de passear câmaras fotográficas à frente dos olhos daqueles que me vêm como um estranho na sua terra, nem de reduzir o espírito das paisagens e edifícios à bidimensionalidade da «amplicópia».

Tenho também duas razões adicionais para desenhar em viagem. Quando viajo sozinho, gosto de sentir que tenho tempo e o desenho é uma forma algo auto-referencial de o despender.

Por outro lado, desenhar é uma forma benigna de averiguar comportamentos: autóctones e co-viajantes reagem aos meus desenhos com misturas variáveis de curiosidade, disponibilidade e desconfiança, provocando modos de interacção graças aos quais a minha figura se humaniza um pouco. Esta reacção é para mim tanto mais importante quanto, ao viajar em países não-europeus, sou regularmente oprimido pela sensação de que, para os habitantes locais, represento um elemento alienígena agressor e, nesta medida, profundamente despersonalizado. Se me encontro num país onde a comunicação verbal é difícil, onde o universo de conhecimentos e valores comuns é reduzido, e onde o meu tom de pele, a minha fisionomia e a minha postura me identificam imediatamente como um estranho, reclamar o direito de me humanizar torna-se um impulso quase imperativo. Desenhar não é, por isso, apenas um passatempo e um exercício de disciplina da memória visual: é também um meio de comunicação entre mim e os mundos por onde viajo, que me permite por vezes escapar ao cliché da alteridade — isto é, humanizo-me um pouco, não fundindo-me ou confundindo-me com um mundo social a que sou estranho, mas tornando-me aí o exótico do exótico.

Viajar como desenhador não é essencialmente diferente de viajar como antropólogo. De um modo ou de outro, olho, interpreto, questiono e desperto curiosidade. Se os resultados finais não são em tudo semelhantes, tal não se deve porém apenas aos métodos, estilos e géneros de cada uma das duas formas de expressão. Com meios diferentes, e públicos diversos, o desenhador e o antropólogo imaginam-se instrumentos de representação do exótico visual ou social. Mas creio que é sobretudo uma consciencialização mais ou menos aguda das limitações do «representável» e, portanto, uma maior ou menor modéstia perante os «objectos», que parece distinguir mais

essencialmente as duas estratégias. O desenhador arroga-se menos um imperialismo da «representação» do que o fotógrafo, o cineasta, o jornalista ou o antropólogo. Mais limitado (à urgência de desenhar, à pobreza dos materiais, às fraquezas da técnica), e por isso mesmo mais livre das imposições da mimese, o desenho de viagem não tenta sequer pretender que «descreve» ou «reproduz» uma qualquer realidade vivida e observada. Tal como o postal ilustrado, o desenho é para quem o vê como que uma cruz numa folha de presenças (*been there, seen that*). Mas é também algo mais: encerra em si, invisível, o testemunho de um olhar, a hipótese de uma memória e o sinal de uma osmose dos sentidos e do *Dasein*, entre quem desenhou e quem ou o quê foi desenhado.

Sempre acompanhado de um caderno onde se misturam desenhos e anotações, tenho viajado pela chamada «Etiópia histórica» (ideológica, emocional e retoricamente distinta da «Etiópia etnográfica», do Sul e Sudoeste do país), em trabalho «de antropólogo» — entrevistando, inquirindo, observando e descrevendo vivências de populações rurais e urbanas do núcleo habasha («semitizado») do antigo império etíope.

Escrevo e desenho para lembrar o que é desaparecer do meu mundo habitual e continuar ainda assim vivo, a poder ver, ouvir, cheirar e falar. Faço-o para criar um testemunho gráfico do que sinto como viagens de ida e volta a um mundo ao contrário. Quando viajei pela primeira vez para a Etiópia, em 1999, ressuscitei um prazer que me tinha negado durante anos, desde a traumática perda de um caderno de desenhos em Távira: o de desenhar despreocupada mas obsessivamente quando viajo. Desde então, tenho uma consciência mais aguda do que implica fixar, em caderno, clichés memoriais: enquanto viajo, o desenho não passa de um subproduto irrelevante da minha

actividade de desenhador e fixador de visões, mas quando regresso a casa o desenho torna-se um precioso catalisador da memória e do imaginário.

A minha actividade de desenhador e ilustrador percorreu durante vários anos caminhos, senão divergentes, pelo menos paralelos, relativamente à minha produção académica na área da antropologia. Tarefas praticadas em horas diferentes de cada dia, cruzaram-se apenas esporadicamente em objectos comuns, até ter sido inesperadamente desafiado a produzir um relato de viagem ilustrado com páginas dos cadernos dessa minha primeira viagem à Etiópia. Esse volume, a primeira edição das *Histórias Etíopes — Diário de Viagem*, possibilitou-me fazer convergir dois mundos que eu mantivera irreflectidamente separados. Desde 2000, contudo, tenho procurado — demasiado hesitantemente ainda — experimentar formas diferentes de valorizar o diálogo entre o desenho e a antropologia.

Nada deveria, no entanto, predispor um antropólogo a ignorar as múltiplas conexões entre estes dois «modos de fazer mundos» (na feliz expressão de Nelson Goodman). Como práticas perceptivas e intelectuais tão marcadas pela tentação da solidão, e tão persistentemente artesanais, o desenho e a antropologia convivem e interagem — ainda que nem sempre reconhecidamente — no terreno, nas academias, nos museus e no mundo editorial. É verdade que as especializações (gráfica e literária) implicadas em cada uma das actividades constituem exigências cuja compatibilidade nem sempre é promovida, o que restringe habitualmente as possibilidades de desenvolvimento de projectos que expressem uma convergência efectiva de perspectivas e de que resultem formatos inovadores de apresentação da investigação.

A figura do desenhador da missão etnográfica, evocação algo anacrónica do ilustrador acompanhante das grandes expedições clássicas (fossem elas políticas, como a de Maurício de Nassau, diletantes, como a de James Bruce, ou científicas, como a de James Cook), foi, de facto, desaparecendo paulatinamente ao longo do último século, sendo o seu lugar tomado por novos arautos da objectivação — e da suposta reflexividade — antropológica: o cineasta e o fotógrafo.

Mesmo se a ilustração gráfica de objectos provenientes da chamada «cultura material» e os retratos de tipos humanos — que constituem o fundo mais facilmente reconhecível da história do desenho etnográfico — são hoje produtos praticamente extintos, não é menos verdade que os antropólogos sempre recorreram, e continuam a recorrer, à produção de diagramas, mapas e plantas de diverso tipo, à reprodução de sinais gráficos e de outras formas de apresentação de tradições de desenho, ou de parametrização perceptivo-cognitiva, tudo isto à margem do uso de imagens fotográficas. Para compreender quais as vias pelas quais as «grafias antropológicas» se fizeram parte da construção do saber nesta ciência social, e um seu habitual recurso expositivo, será imprescindível considerá-las na multiplicidade das suas expressões.

São, ainda assim, apenas esporádicos os casos de feliz e sistematizada simbiose entre a prática do desenho e a literatura antropológica. Alguns deles são mais ou menos notórios: os materiais da expedição Jesup à costa nordeste do Pacífico, coordenados por Franz Boas e ilustrados por Waldemar Bogoras e Rudolf Weber; os desenhos de Nikolai Miklouho feitos durante a sua estadia de vinte e um anos na Nova Guiné; as ilustrações dogon redesenhadas por Jean-Charles e Roger Sillans no *Renard Pâle*, de Marcel Griaule e Germaine Dieterlen; ou os

desenhos de Robert Powell feitos durante um período de vinte e cinco anos no Nepal e no Ladhak.

As duas últimas referências lembram-nos, aliás, com veemência, como uma justa apreciação da história do desenho etnográfico deve transcender a sua valia funcional como técnica de ilustração, já que cobre um campo aberto e heteróclito cujas potencialidades no ensino, na investigação e na divulgação de resultados têm, na realidade, sido constantemente descuradas, ainda que, paradoxalmente, a antropologia visual esteja actualmente em franca expansão como área disciplinar autónoma. Apesar de ter sido sempre uma presença relativamente discreta e mal avaliada na história da antropologia, o desenho, tomado num sentido alargado (incorporando nomeadamente as virtualidades dos meios informáticos e da internet), tem a potencialidade de participar mais activamente na produção antropológica, seja como auxiliar nos estudos antropológicos da cognição, da arte e das representações gráficas, ou como instrumento de novas formas narrativas e expositivas em etnografia — que a podem aproximar da literatura de viagem e da novela gráfica.

Poucos dias depois de ter chegado a Adis Abeba, em Março de 1999, Alula Pankhurst, um antropólogo local, ofereceu-me uma cópia de um artigo que acabara de ser publicado por uma colega, Deena Newman*. Aí, a autora recorria directamente à banda desenhada para compor o núcleo narrativo central de um episódio dramático então muito glosado na capital etíope. As suas referências eram estimulantes (Will Eisner, Art Spiegelman, etc.) e praticamente inéditas no meio académico da antropologia, como aliás também o era a proposta em si. O ar-

* Newman, D., «Prophecies, police reports, cartoons and other ethnographic rumours in Addis Ababa», *Ethnofoor*, XI (2), 1998, pp. 83-110.

tigo não produziu efeitos directos no meu trabalho, mas, pela sua existência, veio sublinhar o interesse de fazer convergir a ilustração, a banda desenhada e a pesquisa antropológica.

Por graça, comecei a colecccionar na mesma altura quadros folclóricos comprados nas lojas de lembranças de Adis Abeba (a chamada «arte de aeroporto»), com os quais produzi mais tarde um conjunto de exposições sobre «arte narrativa etíope»*. Objectos sincréticos, estes quadros «tradicionais» são verdadeiras bandas desenhadas locais, onde as referências à arte dos ícones religiosos se mesclam com as regras da pintura *naïf* e da ilustração ocidental. As mais conhecidas destas pinturas contam a história da união da Rainha do Sabá com Salomão e do nascimento do filho de ambos, Menelik, primeiro rei «israelita» da Etiópia, através de uma técnica que as aproxima da banda desenhada. Nos últimos anos, tenho explorado mais directamente a fresta onde confluem a observação etnográfica e a observação simplesmente gráfica**.

Estas actividades laterais são, no fundo, instâncias de um movimento pessoal de progressiva, embora desarticulada, definição de um campo de trabalho na Etiópia, resultado do reconhecimento de uma partilha de referentes gráficos e estéticos, que convive com uma problemática história de

* «Pintura Narrativa Etíope», organizada pela Bedeteca de Lisboa na Galeria do Risco (2000), que circulou posteriormente por diversas galerias e museus portugueses e foi retomada pelo Museo de Artes y Costumbres Populares de Sevilha, em 2004; «Jembere Hailu: Arte Contemporânea Etíope», produzida pela Culturgest Lisboa (2001).

** *Traços de Viagem*, Lisboa, 2009; «Drawing the lines: the limitations of inter-cultural ekphrasis», in S. Pink, L. Kurti e A.I. Afonso (orgs.), *Working Images: Visual research and representation in ethnography*, Londres, 2004; «Viagem ao Tigré», in S. Frias (org.), *Etnografia e Emoções*. Lisboa, 2009; «Reportage ethnographique au Musée du Quai de Cliché», in B. Hirsch (org.), *Au Musée de L'Oubli. Visites au Quai Branly*, Paris, 2010 (no prelo).

confronto teológico entre o cristianismo etíope e o ocidental. Nesse movimento, a publicação da versão inicial das *Histórias Etíopes* constituiu um primeiro passo libertador.

Só numa acepção muito genérica se poderá falar dos desenhos deste livro como sendo «ilustrações etnográficas» propriamente ditas. Eles não têm como função ilustrar nenhuma passagem escrita em concreto. São, antes, ilustrações das limitações (pessoais e culturais) do meu olhar e testemunhos do meu fascínio visual perante um mundo intensamente diverso. Sendo reproduções de páginas seleccionadas de um diário gráfico, contêm um pouco de várias coisas: traços de narração, informações heteróclitas, breves notas descritivas ou reflexivas.

2.

A ilustrarem os meus desenhos, ou sendo ilustrados por eles, os textos deste livro procuram reter — seleccionadas, claro está — memórias sensoriais, levemente racionalizadas, daquela minha primeira experiência da Etiópia: notas manuscritas nas páginas fac-similadas, cartas e entradas de diário, e transcrições traduzidas e adaptadas de entrevistas gravadas.

Incluí, por um lado, algumas entradas esparsas de um «diário de viagem», que selecionei de modo a sugerir alguma cor e linearidade textuais, mas expurgando as notas mais pessoais e as indicações maçadoramente etnográficas. Imbriqueei entre elas algumas «cartas da Etiópia», que fui enviando regularmente daquele país para publicação n' *O Independente*. Trata-se, neste caso, de peças «jornalísticas» que indiciam uma outra dimensão da minha viagem à Etiópia. Estes textos são um pouco como o trabalho de colorista: se os desenhos são feitos «a quente», no momento, com a qualidade dos «instantâneos» fotográficos, a

inclusão da cor corresponde a momentos de maior distanciamento e introspecção. Também os textos de «diário» e as «cartas» sugerem provir de elucubrações relativamente despreocupadas, escritas em momentos em que suspendi a actividade de recolha de informações etnográficas.

Um terceiro tipo de textos, mais extenso, revela intenções algo diferentes. Vejo-o como dialogando mais directamente com os desenhos que aqui reproduzo. São transcrições, traduzidas de amárico para português, de várias «lendas» e «narrativas» que fui recolhendo e gravando, sobretudo durante a minha estada na região de Gondar e do lago T'ana, e que se reportam a aspectos mais visivelmente etnográficos da minha viagem. Nesta medida, porque aparecem aqui intencionalmente sem aparelho crítico e não são senão superficialmente suportadas por intenções de contextualização antropológica, histórica e/ou literária, pretendem — em articulação com os desenhos — dizer algo como: eis um pouco do que vi e do que ouvi, enquanto estive na Etiópia. A tradução e transcrição foram asseguradas por Abdissa Gamada e Helena Chainho.

O produto final corre o risco de excessiva heterogeneidade, tal a ânsia de preservar o imediatismo e o prazer da minha descoberta da Etiópia. A intenção está longe de ser ingénua. A minha desconfiança e suspeição face às virtualidades do trabalho de investigação etnográfica tem muito que ver com o meu cepticismo radical perante a cantada riqueza dos jogos hermenêuticos e a eficácia da sua aplicação ao domínio discursivo da antropologia. Por isso, a publicação de fac-símiles de páginas desenhadas, mas sem informação textual especificamente «antropológica», agregada à edição de transcrições não contextualizadas ou analisadas de materiais provenientes da *afatarik* («história oral», em amárico) e de textos de pendor

jornalístico, constitui ainda assim um risco calculado. Não há aqui intenções de comemoração de descoberta de «horizontes hermenêuticos», mas tão-só de alinhar alguns argumentos preliminares para uma futura análise de tropos e imagens socio-culturais este-africanos.

Num contexto como é o da edição contemporânea em língua portuguesa, as referências à Etiópia são quase nulas e encontram-se ainda hoje condicionadas por uma esclerosada estrutura discursiva, dominada por clichés histórico-literários empobrecidos (nomeadamente, o da «demanda do Preste João»). Por outro lado, a riqueza e a complexidade dos materiais etnográficos produzidos sobre a Etiópia por viajantes portugueses e missionários jesuítas nos séculos XVI e XVII são para o leitor actual, infelizmente, quase inacessíveis e incompreensíveis. Por isso, a vários títulos, qualquer projecto editorial português que, de algum modo, promova a reabertura do *dossier* Etiópia implica um reinvestimento tacteante no imaginário memorial dos leitores, assim como a consciência dessa responsabilidade e dessa manipulação.

3.

É longa a lista das entidades e das pessoas que tornaram possível e aprazível a minha estada na Etiópia durante um período de licença sabática concedido pelo Departamento de Antropologia do ISCTE-IUL, onde lecciono. Esperando não incorrer na injustiça do esquecimento, e optando por uma menção democraticamente lacónica e por uma disposição alfabética, agradeço sinceramente a: Alessandro Triulzi, Amhed Zakariah, Ana Vasconcelos, Anaïs Wion, Asfaw Bulto, Asfaw Girma, Bertrand e Natalia Hirsch, Centre Français d'Études

Éthiopiens, Centre for Research and Conservation of National Heritage, (a extinta) Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, Demeke Berhane, Departamento de Antropologia do ISCTE, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Fasil Ayehu, Fasil Ghiorghis, Hervé Pennec, Institute of Ethiopian Studies — Addis Ababa University, Jara Hailé Maryam, Merid Wolde Aregay, Pankhursts (Richard, Rita, Alula e Konjit), Sihale Bayene, Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, Seyoum Ygzaw, Sisay Sihale, Sociedade de Geografia de Lisboa, Tafarah, Vincent e Marie Chordi, Wale Belete, Wendy James, Worko.